

A PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS: UM ESTUDO DE CASO COM OS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline da Silva Xavier

Prof.alinexavier@gmail.com¹

Resumo

O presente trabalho buscou investigar como as vivências dos alunos podem contribuir para que a Geografia Escolar desenvolva neles uma percepção espacial reflexiva. A partir da falta de sentido e da distância entre a realidade dos alunos e os temas tratados na Geografia, verificou-se a necessidade de despertar nos estudantes o desejo de participar das aulas de maneira mais efetiva e, com base na aproximação destes elementos, dar início ao processo de reflexão acerca da realidade vivida. Como metodologia optou-se por promover um estudo de caso a partir da análise de atividades propostas aos alunos. A pesquisa destacou a relevância não apenas dos saberes do aluno, mas também do papel do professor como articulador das vivências e os temas da Geografia Escolar. Como resultado deste estudo foram observadas algumas percepções dos alunos em sua forma de tratar e refletir sobre a realidade a qual estão inseridos. Quanto à relevância deste estudo, a pesquisa visa beneficiar professores de Geografia que queiram se utilizar desta ferramenta como recurso, a fim de repensar sua prática a partir da perspectiva de considerar os saberes do aluno.

Palavras Chave: Geografia Escolar. Percepção Geográfica. Vivências.

Introdução

Nos últimos seis anos, em meu exercício docente ministrando aulas de Geografia numa escola pública da periferia, na zona norte do Rio de Janeiro, venho observando a maneira como os alunos reagem, interagem, percebem, ouvem, visualizam, processam e concebem de diferentes maneiras os conteúdos das aulas de Geografia. Essas diferenças ocorrem influenciadas por múltiplos fatores, dentre os quais destaco: o bairro/comunidade em que vivem, a presença/ausência familiar no acompanhamento educativo, as histórias e experiências vividas por cada um dos alunos e alunas, o interesse/ desinteresse pelos estudos, as condições financeiras (ou falta delas) dentre tantos outros fatores subjetivos de cada estudante.

¹ Monografia de fim de curso do Curso de Práticas e Saberes em Educação Básica - UFRJ.



Diante desses fatos, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma as vivências dos alunos ajudam a Geografia Escolar a desenvolver neles uma percepção espacial reflexiva acerca de suas múltiplas relações no Espaço Geográfico em que vivem. A motivação para desenvolvê-lo veio da necessidade de estimular os alunos a ver mais sentido nas aulas de Geografia, a partir da contribuição das vivências pessoais no processo de construção dos Conhecimentos Geográficos.

Certa vez numa aula de Geografia, falava sobre Guerra Fria, construção do Muro de Berlim, divisão da Alemanha Oriental/Ocidental e o conceito de Territorialidade. Um aluno do 8º ano do ensino fundamental pediu a fala, e disse: “Professora, posso dizer que a Alemanha Oriental é a (comunidade da) Pedreira, a Alemanha Ocidental é (a comunidade do) o Chapadão e a linha do trem (que divide as duas comunidades) é o Muro de Berlim?”. (Nesta colocação do aluno trata-se de comunidades rivais, onde há disputa de influência territorial). A analogia feita pelo aluno foi a leitura dele sobre o que estava sendo ensinado, a partir de sua realidade/vivência, para compreender um tema de tamanha complexidade.

Articulações como esta são comumente feitas durante as aulas. Esta é uma maneira como os alunos podem identificar as suas histórias de vida e reconhecer nas suas práticas os conteúdos geográficos, de modo a facilitar a compreensão de temas que antes eram considerados mais difíceis ou que não estavam na área de interesse.

O trabalho foi realizado com 49 alunos do 6º ano do ensino fundamental, com idades entre 10 e 12 anos, moradores bairros próximos à escola onde a atividade foi desenvolvida. Este estudo de caso possibilitou o levantamento de dados através da produção textual (escrita) e desenho (representação), a elaboração instrumentos (tabelas e gráficos), além de uma análise contextualizada e focada nas relações estabelecidas entre os estudantes e o contexto da pesquisa (relação vivência/ Ensino de Geografia).

A produção textual ou ‘texto escrito’ (1ª etapa do trabalho) consistiu em um questionário composto por três perguntas (de caráter investigativo), duas abertas e uma fechada. A produção do desenho ou ‘texto-desenho’ (2ª etapa do trabalho) contou com a construção de uma representação que registrasse alguns elementos solicitados no enunciado. Ambas as etapas tiveram como intuito coletar dados sobre quais as percepções os alunos possuem do Espaço Geográfico a partir de suas vivências e dos temas de Geografia aos quais foram expostos ao longo do ano letivo em que a pesquisa foi aplicada.

A percepção espacial dos alunos retratadas através de textos e desenhos

O trabalho realizado com os alunos buscou sondar o que/como eles percebem o espaço geográfico onde vivem, passando por elementos existentes concretos que ocupam aquele determinado ambiente (*fixos*²) e as relações (*fluxos*) que os constroem e lhe dão sentido, e a partir disso levantar ferramentas para identificar alguns conhecimentos/experiências que cada um já possui, podendo aproveitar melhor estas informações para melhorar as propostas de ensino da Geografia, aproximando-as à realidade dos estudantes; e aprimorar a maneira como a disciplina é ministrada nas aulas, estabelecendo relações claras para os alunos entre os conteúdos geográficos escolares e as situações reais que se apresentam em seus cotidianos.

Para a obtenção dessas informações, como parte do ‘texto escrito’ foi utilizado um questionário, que propôs aos alunos três perguntas que buscaram identificar o que eles aprenderam na disciplina ao longo do ano, quais dos conteúdos eles conseguiam perceber no dia-a-dia e assuntos de interesse dentro da proposta curricular estudada nos bimestres.

Nos trabalhos de ‘texto-desenho’ os alunos foram orientados a expressar situações que lhes chamavam atenção no espaço onde vivem, sejam questões de ordem social, ambiental, econômica, coisas boas ou ruins, construções, relações entre pessoas que vivem no local, pontos de referência e tudo o que achavam pertinente reproduzir através de uma imagem. O objetivo dessa etapa foi, além de continuar a coleta de informações sobre a percepção espacial dos alunos, perceber de forma mais sensível algumas informações não sinalizadas na parte escrita. As duas etapas do trabalho (tanto o texto escrito quanto o texto-desenho), ambas realizadas no 4º bimestre, são complementares e buscam conhecer e refletir sobre as percepções geográficas dos alunos do 6º ano e a relação disso com a aprendizagem de conteúdos da Geografia Escolar.

A produção da primeira etapa mostrou que os alunos, ao responderem as perguntas propostas, retomaram temáticas geográficas trabalhadas desde o primeiro bimestre, e por isso foram utilizados como critérios para organizar a incidência de alguns assuntos que apareceram nos próprios textos e nos desenhos. São eles: Espaço geográfico, Localização, Cartografia, Fusos Horários, Climatologia, Estrutura Interna da Terra e Relevo.

² Segundo Milton Santos (1996) o ‘fixo’ pode ser caracterizado como todo elemento concreto (material) existente no espaço geográfico, e o ‘fluxo’ como toda relação (imaterial) que ocorre neste mesmo espaço. As relações fixo-fluxo constroem o Espaço Geográfico.



A análise dos textos possibilitou algumas reflexões importantes:

I) Os assuntos tidos como de preferência dos alunos são os que eles conseguem transpor mais facilmente da teoria para a prática do dia-a-dia, como por exemplo o tema Climatologia, observado por grande parte dos alunos na previsão do tempo apresentada em algum telejornal ou feita por eles mesmos antes de sair de casa, ou ainda na leitura de símbolos atmosféricos feitas em jornais impressos.

II) Existe uma percepção por parte dos alunos quanto a presença dos temas trabalhados na escola em situações fora do ambiente de sala de aula (na rua, no bairro, numa matéria de jornal, por exemplo).

III) Embora os alunos encontrem dificuldades em algum tema, este não necessariamente se torna menos interessante a eles. Algumas limitações em outras disciplinas que ajudam na compreensão da Geografia podem influenciar na aprendizagem dos conteúdos. Um exemplo disso são as defasagens em Matemática que dificultam o ensino de alguns temas de Cartografia e Fusos-Horários.

IV) Utilizar exemplos de casos reais e atuais nas aulas estimula o interesse dos alunos e facilita a compreensão dos conteúdos. Um exemplo disso foi a abordagem feita no tema Estrutura Interna da Terra, no qual os alunos assistiram vídeos, trabalharam com jornais, visualizaram simulações dos fenômenos através de recursos pedagógicos criados para dinamizar o ensino.

Os desenhos produzidos possuíam uma riqueza de informações além do previsto. A análise deles mostrou que os alunos possuem, mesmo que de forma inconsciente, percepção espacial e algumas noções de cartografia, tais como dimensões de altura, largura, profundidade, visão lateral, visão aérea, escala, pontos de referência e legendas.

Além disso, foram representadas situações de ordem social que costumam acontecer no local em que vivem também foram relatados, como por exemplo violência, despejo de lixo em locais impróprios (ambos recorrentes entre muitos desenhos), vizinhos discutindo, pessoas reclamando do lixo na rua, pessoas sendo assaltadas, expressões de alegria e tristeza por estarem na escola, pessoas praticando atividades esportivas e cenas que envolvem tráfico de drogas.

Os desenhos apresentaram expressiva quantidade de elementos espaciais em comum, que demonstraram a percepção dos alunos acerca dos *fixos* que constroem a estrutura urbana da área em que vivem. Esses elementos contribuem para o processo de orientação espacial, sendo

usados como pontos de referência: ruas, habitações, meios de transportes, escolas, itens de lazer (quadra de esportes, campo de futebol), elementos religiosos (igreja e centro - não especificado se espírita ou terreiro), comércio e elementos da natureza (árvores, algum tipo de vegetação grama, flores, rio).

O tema ‘Espaço Geográfico’ apareceu de diferentes modos nos desenhos. Foram considerados pertencentes a esta categoria os trabalhos que apresentaram alguma forma de uso social, através de (rel)ações boas e/ou ruins estabelecidas no espaço representado, que segundo Corrêa em suas reflexões sobre Lefêbre “[...] é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade”. (CORREA, 2006, p. 26)

Dentro dessa perspectiva percebi que nas representações das relações que acontecem no espaço geográfico feitas pelos alunos, se destacam a maneira como este espaço é produzido dentro da perspectiva destas crianças (levando em conta suas visões de mundo, suas idades, o que lhes é interessante, o que lhes chama atenção no mundo que os cerca – no caso, o lugar em que vivem).

Diante da concentração geográfica de moradia destes alunos no mesmo bairro ou em locais próximos uns dos outros, alguns problemas de ordem social, econômica e ambiental aparecem em seus desenhos como reflexo da realidade em que eles vivem. Dentre as situações apresentadas apresento duas que mais se destacaram: o acúmulo do lixo e a situação de violência.

A análise dos desenhos possibilitou algumas reflexões importantes: I) É a partir do lugar que habita que o aluno desenvolve sua visão de mundo; II) A afetividade é usada como uma referência espacial. Isso pode ser observado nas representações espaciais que fizeram referências a habitações de parentes, vizinhos e amigos dos alunos. III) Os desenhos apresentam elementos que articulam o conhecimento escolar (que apresenta uma linguagem mais simples e aplicável à realidade dos alunos) ao conhecimento acadêmico (mais teórico, formal e conceitual). IV) Os alunos mostraram que possuem, mesmo sem saber, conhecimentos de ciências complexas como cartografia e climatologia, por exemplo. Isso é perceptível nos desenhos que possuem elementos que fazem referência ao tempo, ou ainda aos que possuem algum tipo de organização espacial com uso de legendas.

Ficou notório que as representações feitas pelos alunos são carregadas de informações acerca dos conhecimentos próprios (fruto de suas vivências), conhecimentos



teóricos/científicos adquiridos na escola e percepções que eles têm acerca do espaço onde vivem, seja de elementos concretos/construídos (fixos) ou das relações que acontecem no espaço, que os transforma e que molda os modos de vida que serão estabelecidos nele.

A escrita, o desenho e a percepção geográfica dos alunos

O processo de aprendizagem dos alunos passa por diferentes etapas. Nesse caminho, que é cheio de obstáculos e possibilidades, é preciso ter sensibilidade de olhar para o aluno e ver que ele não é uma “tábua rasa” como se pensava antigamente. O aluno traz em si uma bagagem de conhecimentos a partir de suas vivências e das relações que estabelece e pratica, sejam elas humanas ou espaciais.

Partindo desse pressuposto serão utilizados para análise das atividades propostas os conceitos de Tuan (1983) sobre ‘Lugar’ e Cavalcanti (2003, 2010) sobre ‘construção de conhecimento e ensino de Geografia’. Tanto nos textos quanto nos desenhos feitos pelos alunos ficou muito clara a presença da categoria LUGAR, que apareceu como pano de fundo para que as percepções espaciais dos estudantes fossem mostradas.

É no lugar da convivência, nas práticas espaciais cotidianas, que se tem os primeiros contatos com os saberes, mesmo que estes não sejam formais, científicos e/ou escolarizados. É no lugar que se constrói as relações sociais, que se aprendem as noções espaciais, que se manifestam as dinâmicas do espaço geográfico e da vida.

No vasto campo das categorias de análise da Geografia (e não só desta ciência) o conceito de Lugar ganha muitas definições. A escolha em trabalhar com a concepção dada por Tuan (1983) deve-se ao fato de se aproximar mais da proposta de relação homem-espaço/lugar e com as formas de percepção, construção de vínculo e identificação do indivíduo com este recorte espacial.

Segundo o autor, o indivíduo estabelece uma relação inicial com o lugar através de experiências sensoriais (visão, audição, tato, paladar e olfato) e reflexivas, o que permite ao indivíduo adquirir uma percepção acerca do espaço onde vive.

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva.

(TUAN, 1983, p, 20,21)

Neste trabalho as leituras e análises feitas nos desenhos nos ajudam perceber que os alunos possuem conhecimentos geográficos - mesmo que de maneira inconsciente - através de seus sentidos sensoriais e das percepções do que está ao seu redor, eles apresentaram nos desenhos noções espaciais e representações objetivas do lugar onde vivem.

Isso pôde ser verificado principalmente na etapa em que trabalhos ressaltaram a experiência em identificação da paisagem pelo sistema sensorial olfativo quando referem-se à presença de lixo; ou ainda a experiência visual de presenciar relações espaciais através do fluxo de automóveis; ou ainda, a presença de crianças brincando em praça pública. São indicadores que reforçam a afirmativa de que as experiências de vida cotidiana são fundamentais na construção do conhecimento geográfico escolar ou científico.

Podemos constatar nos desenhos o valor atribuído aos lugares representados pelos alunos. Em sua maioria, eles desenharam suas casas, sua vizinhança, seu bairro e os lugares com os quais cada um se identifica. Essas informações revelaram o quanto de conhecimento esses alunos possuem acerca de em que vivem, tanto de espacialidade (a organização das ruas, das quadras, a sequência dos estabelecimentos, os serviços públicos que atendem a estas áreas) quanto das relações sociais que acontecem nestes lugares (lazer, circulação, violência, problemas estruturais da produção de lixo, etc).

Notamos também que os alunos não se dão conta do tanto de conhecimento que possuem, mesmo sendo estes adquiridos fora do ambiente escolar. Mas diante desses conhecimentos que estes estudantes já possuem, qual seria o papel da escola e do professor então?

Uma resposta está na palavra 'intervenção'. O professor (e a escola) é quem vai ajudar a formalizar estes conhecimentos, aproveitá-los de forma construtiva e didática, além de trazê-los para a luz da ciência.

O caminho é uma mediação entre o conhecimento a partir das vivências (saber social) e o conhecimento científico (difundido através da escola numa linguagem adaptada ao aluno). Deste encontro 'nasce' o saber escolar, que é responsável por aproveitar o que o campo da vivência tem a oferecer, e como o campo da ciência ajuda a estruturar, promover e formalizar os conhecimentos.

Sobre este assunto Cavalcanti (2003, p.26) argumenta:



Essas reflexões estão articuladas a uma concepção de cultura escolar múltipla, que entende que os saberes veiculados na escola incluem as práticas sociais e não estão ligados apenas a uma cultura sistematizada cientificamente. Nesse processo, as disciplinas escolares sofrem influências diversas, tendo como panorama mais amplo a cultura social praticada.

É preciso pensar que o mundo muda o tempo todo, e as maneiras como se obtém conhecimento acabam se tornando cada vez mais diluídas entre as práticas sociais. O avanço das tecnologias da informação, dentre outras consequências, potencializa a maneira como o conhecimento pode ser adquirido. Isso inclui a experiência real e virtual com o espaço geográfico e consequentemente com o lugar.

A experiência real se refere ao “pé no chão”, ou seja, a vivência real de estar no lugar físico e conhecer de perto o que há de melhor e pior nele; poder experimentar os cinco sentidos e suas dimensões sobre lugar, e aprender através disso.

A experiência virtual acontece através das relações *online*, nas redes sociais, *sites* da internet, jogos, vídeos, aplicativos, dentre outros recursos, e permite que haja aprendizagem através da troca de perspectivas e do compartilhamento de olhares diferentes acerca do mesmo lugar, ou ainda de lugares diferentes. Isso acontece mesmo que esse lugar não seja o da vivência própria – pois a vivência do outro (indivíduo) também ensina.

Quanto às representações feitas pelos alunos, podemos observar que não se tratam meramente de desenhos, pois elas estão carregadas de conteúdos. Estes desenhos não representam apenas o lugar em que esses estudantes vivem, mas também mostram como eles o enxergam a partir de um aspecto crítico e de suas concepções de vida. Lemos nestas representações o manifesto cidadão destes alunos, que reclamam da violência, do lixo que ocupa as calçadas, do buraco na rua, da necessidade pelo lazer e pelo direito do consumo do espaço.

Segundo Almeida (2003) o registro feito da realidade no papel tem uma função social, pois a partir desta ‘fala’ o aluno expressa a sua voz acerca do espaço representado. A partir daí é possível pensar medidas de intervenção no espaço vivido e formas de mediação entre o conhecimento informal e o científico/escolar, de acordo com o que foi apontado no desenho.

Diante das informações analisadas a partir do trabalho desenvolvido com os alunos e de algumas proposições teóricas, podemos chegar a algumas reflexões – e conclusões preliminares

– sobre a importância de considerar a riqueza contida nas múltiplas experiências de cada aluno em suas vivências.

A “escola da vivência” (que é a vida que acontece fora dos muros da instituição escolar) agrega saberes, mas não substitui a fonte formal de ensino – a escola formal (instituição). Pelo contrário, a articulação entre estas duas fontes de saberes gera excelentes resultados, quando estas caminham juntas na formação do indivíduo.

A escola formal e suas metodologias de ensino não devem se restringir a sistematizar os saberes informais obtidos a partir das vivências dos alunos, mas deve sim usa-os para promover a maneira como se ensina, levando em consideração a identidade do aluno, suas raízes, suas concepções de mundo, suas experiências e suas leituras do cotidiano.

É preciso utilizar as ferramentas que sejam mais eficazes para melhorar o ensino de maneira geral, e especialmente o que se faz como cerne deste trabalho, o de Geografia. Livros didáticos, recursos pedagógicos modernos, aparatos tecnológicos... tudo isso são ferramentas muito úteis que abrem caminhos para a realização do processo de construção do conhecimento, mas não substituem a experiência vivida por cada indivíduo.

Considerações finais

*“A geografia escolar não se ensina, ela se constrói, ela se realiza.”
(Lana Cavalcanti)*

Pensar a educação no século XXI não é uma tarefa fácil, ainda mais se forem levados os múltiplos contextos aos quais os alunos estão inseridos. Diante disso se faz necessário pensar em ferramentas que toquem a realidade desses estudantes afim de tornar para eles o processo de aprendizagem mais significativo. Destaco a seguir algumas contribuições geradas a partir das análises dos trabalhos.

Algumas potencialidades na construção do conhecimento do aluno podem ser comprometidas devido às limitações de domínio técnico, científico ou conceitual que este possui. Daí a não suficiência dos saberes do dia-a-dia, e a relevância do papel do professor e, no caso deste estudo, da Geografia Escolar, enquanto interventor e estruturador – respectivamente – no/do processo de aprendizagem e formação reflexiva do aluno.



A apropriação das experiências e vivências pela Geografia Escolar demonstra resultados positivos quando os alunos começam a identificar e refletir sobre assuntos abordados em sala de aula que estão presentes em situações corriqueiras do dia-a-dia, como verificar o comportamento do tempo, ou reconhecer demandas de caráter social.

Grande parte desses assuntos não tinham visibilidade diante do olhar do aluno, mas após serem tratados e utilizados como ferramentas no processo de construção do conhecimento geográfico, o olhar sobre essas questões passou a ser reflexivo e consciente sobre mecanismos que permeiam algumas construções sociais, espaciais e geográficas.

Uma das contribuições dada pelo que vou chamar de “ferramenta da vivência” é possibilitar a sensibilização do aluno não apenas para aspectos práticos (observar o tempo, entender um terremoto) como também para questões voltadas para temáticas sociais, políticas, religiosas, espaciais, etc.

Este trabalho possibilitou a percepção do quão importante é a relação que o aluno possui com o lugar onde vive. É deste ‘ângulo’ que ele começa a enxergar, embora inicialmente ‘embaçado’, algumas problemáticas sociais enfrentadas pela comunidade em que vive. É a partir deste LUGAR que o trabalho de reflexão encontra campo, e a Geografia ensinada na escola ganha espaço para fazer contribuições para a formação reflexiva deste aluno.

Outro fato a se destacar é que, ainda estando inseridos no mesmo lugar de moradia, no caso dos alunos integrantes de uma dada Comunidade Escolar, os elementos geográficos percebidos por estes alunos ganham distintas representações, sentidos e atribuições de valor, de acordo com as diferentes perspectivas de mundo. Isso aponta para a diversidade de interesses, de concepções de mundo, de formas de participar da construção e transformação deste espaço que cada aluno particularmente possui.

Para não limitar as reflexões apenas a querer provocar nos alunos reflexões sobre questões de fenômenos sociais, é válido dizer que também é possível contar com a contribuição das vivências destes para ensinar sobre princípios de localização espacial, tais como o de dimensão, espacialidade, orientação e localização.

Os desenhos dos alunos deram a eles ‘voz’ – a voz do aluno-cidadão, – que relata o seu cotidiano sob a ótica das suas perspectivas e da ‘denúncia’ daquilo que os incomoda. Relatar o crime, o acúmulo de lixo, o buraco na rua, ilustram o sentimento de insatisfação. Do mesmo

modo, essa voz do aluno-cidadão também evidencia positivamente os elementos de satisfação existentes no lugar onde moram, como por exemplo o campo de futebol, a praça, a quadra.

Ao ‘dar ouvidos’ à voz do aluno-cidadão, a Geografia ensinada na escola pode conduzi-lo por um caminho de reflexões que os leve à conscientização das possíveis causas, efeitos e de sua efetiva necessidade de exercer cidadania frente às problemáticas enfrentadas por eles em seus cotidianos.

Cabe ressaltar também a importância do papel do professor para o estimular a curiosidade do aluno, aguçar nele a capacidade de observação, de desenvolver um senso reflexivo acerca das situações as quais estes alunos estão submetidos, trazer conhecimento científico que dialogue com estes saberes que o aluno possui, e não apenas isso, mas propor medidas de intervenção, ou seja, orientar esse aluno a como contribuir positivamente na construção de relações que promovam melhorias no lugar onde vivem – na rua, no bairro, na cidade, na escola.

As pequenas mudanças observadas na forma de o aluno enxergar, pensar, falar e refletir sobre a realidade a qual está inserido foram os resultados encontrados. Destaco ainda a relevância deste estudo para professores de Geografia que queiram se utilizar desta ferramenta como recurso, a fim de repensar sua prática a partir da perspectiva de considerar os saberes do aluno.

Para efeito de temporária “conclusão”, encerro este trabalho reforçando a ideia de que é possível transformar o corriqueiro, o cotidiano, o ‘ir e vir’ pelos espaços em uma experiência educativa capaz de render grandes frutos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela Doin de. A representação espacial e o ensino do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-22.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ciência Geográfica e ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papyrus, 2003. p. 15-28.



- _____. Concepções de geografia e de Geografia escolar no mundo contemporâneo. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia escolar e a cidade. Campinas: Papirus, 2010. p. 15-37
- CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Espaço: Um conceito chave da Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa (Org.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 15-47
- SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- TUAN, Yi-fu. Perspectiva Experiencial. In: TUAN, Yi-fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983. p. 9-21. Tradução de Livia de Oliveira.